

## **Meu mestre Célio Garcia – muito aprendi, mas pouco compreendi**

**Sonia Fleury**

*Rio de Janeiro, outubro de 2021*

Com 17 anos, em 1968, entrei pela primeira vez na FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG), para cursar Psicologia em um dos muitos dias de mobilização política, com o Zé Dirceu fazendo um discurso em cima de um caixote, em frente ao famoso murinho, onde tudo acontecia. Eu fui excedente, designação dada aos que eram aprovados no vestibular, mas ultrapassam o número de vagas. Houve muita luta pela entrada dos excedentes naquele ano e assim, acabei entrando no segundo semestre.

Minha decisão por prestar vestibular para Psicologia foi fruto de um cálculo racional, convencida de que não tinha condições de competir com os que estudaram nos melhores colégios da capital, e poder passar para a Faculdade de Medicina, onde me especializaria em Psiquiatria. Fruto também do incontrolável desejo de entrar na universidade, sair da cidade de interior e ir morar em Belo Horizonte, longe da família.

Apesar do meu empenho, não consegui me encontrar no curso de psicologia, entre a entrada forte da psicologia experimental e as abordagens mais tradicionais, oriundas de professores da pedagogia. Nos cinco anos em que estive lá, nunca tive uma aula sobre Freud ou outros psicanalistas, sendo que minha motivação inicial tinha sido fruto das leituras de Erich Fromm. Até tentei me dar bem com os ratinhos no labirinto, mas eles se mostraram mais espertos que eu, pulando as paredes para chegar logo nos queijos. Tentei também

trabalhar com instrução programada, até mesmo conseguindo uma bolsa de pesquisa para tal. Nada daquilo me dava tesão.

Foi quando, no segundo ano, 1969, descobri o Setor de Psicologia Social, ou o Setor, como o chamávamos. Sob a liderança do professor Célio Garcia, no porão da FAFICH, jovens professores e inquietos estudantes, nos reuníamos aos sábados para debater temas que transcendiam as fronteiras disciplinares, ouvíamos com avidez as falas do Célio sobre novidades que trazia de Paris, participávamos de projetos de pesquisa, fazíamos intervenções e análises institucionais, tínhamos aula de matemática sem usar um só número, ouvíamos palestras de filósofos e físicos.

Descobri ali meu lugar, um mundo acadêmico deslumbrante, onde aprendi a importância da inovação, da criatividade, da abolição das fronteiras e paradigmas, da importância do trabalho em equipe. O Célio, para mim, sempre foi um enigma, impenetrável. Ao mesmo tempo, sabia ser generoso, descentralizador e atribuir a jovens inquietos, que estavam apenas começando seus estudos, responsabilidades acadêmicas enormes, beirando a irresponsabilidade, o que nos fazia enfrentar desafios e crescer como profissionais. Por outro lado, seu discurso hermético e seu distanciamento pessoal sempre nos colocava, de alguma forma, à parte. Esse paradoxo sempre permeou sua gestão do Setor, onde se implantou uma horizontalidade radicalmente coletivista e um certo culto personalista.

Crescíamos em meio às enormes oportunidades que o Célio nos propiciava e aos gigantescos desafios com as responsabilidades que assumíamos. Exemplo disso foi a minha participação em uma equipe de quatro estudantes, capitaneada pelo saudoso Romualdo Dâmaso, na elaboração do modelo comportamental no projeto arquitetônico de construção do campus da UFMG na Pampulha. Liderado por Luciano Gusmão, que nem arquiteto era, o projeto “Território Universitário – proposta de modelo para um sistema ambiental” baseava-se no princípio de que o território é a forma de uma comunidade no espaço. Tendo sido escolhido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil para representar o Brasil no XII Congresso Panamericano de Arquitetura, em Puerto Rico em 1970, este projeto foi e ainda é radicalmente inovador. No meu segundo e terceiro anos de vida universitária eu já dava aulas como substituta de alguns

professores, e participava desta vida acadêmica em ebulição, que era uma verdadeira explosão de criatividade. Tudo era muito fora da norma neste tempo.

Comecei a secretariar o Célio em sua casa semanalmente, um trabalho estimulante e que me garantia algum recurso financeiro. Ele tinha um taxi que o buscava na FAFICH e nos levava a sua casa, onde almoçávamos com a Angelina e as crianças.

**Depois, o Célio ia para o consultório e eu descia para seu escritório para organizar sua correspondência, livros e documentos recebidos. Aprendi muito nessa função.**

Li muitas coisas novas que chegavam da França, selecionava o que era importante para ele ler ou responder, transcrevia fitas de gravações de suas conversas com o Chaim Katz, absorvia, absorvia, absorvia... Estranhamente, essa rotina não me trouxe maior proximidade com ele.

O Célio tinha uma forte relação com intelectuais franceses, enviando periodicamente algum de seus discípulos para Paris, e trazendo, periodicamente, professores franceses para trabalhar conosco. Foi assim que conheci e pude trabalhar com o Foucault e George Lapassade. Para a vinda de Foucault, o Célio organizou vários encontros com filósofos como o Anchieta e psiquiatras como o grupo mais progressista do Hospital Galba Veloso. Participei intensamente da construção dessa agenda e de tudo que se passou aí. Me lembro do Foucault como um tipo arrogante, e da satisfação do Célio nos primeiro encontros que promovemos. Ao final, a cena mais marcante que ficou em minha memória foi quando os psiquiatras progressistas, cansados das análises críticas foucaultianas em relação à doença mental e, com a contradição de ser progressista em um hospital psiquiátrico, terminaram por trazer os pacientes como plateia para a reunião com o Foucault. Foi a apoteose da loucura! Até hoje me recinto que os créditos pela vinda do Foucault ao Brasil não sejam dados ao Célio Garcia.

Aí, veio o Lapassade, o anjo exterminador. Nessa época, já havia se consolidado uma nova geração de pesquisadores no Setor. A primeira geração era toda ela de pessoas que viviam em BH, filhos de classe média e alta, que

foram os pioneiros no setor e, de algum modo, mais próximos e tradutores do Célio para nós. À medida em que nossa nova geração ocupava esse espaço, outras questões foram sendo colocadas, como por exemplo, a cultura afro, que passamos a valorizar e trazer para dentro de nossas preocupações acadêmicas. Também foram sendo trazidas as questões trazidas pela vivência da contracultura, da qual alguns de nós participávamos e vivenciávamos as drogas e a loucura. Sobretudo, havia a tensão política, o enfrentamento à ditadura, que se impunha como primordial e nos cobrava um posicionamento. A linha de trabalho do Setor era radicalmente inovadora, mas não enfrentava as questões políticas que nos esmagavam, nem trabalhava as possibilidades de transformação social.

Lapassade veio direto do Canadá, com uma forte imersão na contracultura que passou a introduzir na sua análise institucional, anteriormente mais formal, como quando publicou com Renè Lourrau. Fizemos juntos inúmeras análises institucionais que marcaram minha vida. Foram momentos de intensas e performáticas vivências, Me lembro, particularmente, de uma delas na Comunicação da PUC/BH, onde o diretor era o Lélío, nosso companheiro que sempre foi um dos mais importantes aliados nas lutas institucionais. Como o departamento de comunicação estava se mudando para um novo prédio, Lapassade propôs que ocupássemos a construção, ainda sem luz. O curso era noturno, fazíamos a ocupação à luz de velas. A ocupação de um espaço institucional é uma disputa de poder. E, Lapassade analisava. Ao final, até mesmo os estudantes estavam cheios de tanta análise e em uma noite vieram em procissão, cantando hinos, com um caixão e velas para enterrar a Análise Institucional. Foi forte, ainda é forte. Inesperadamente, para mim, Lapassade, muito calmo, começa a analisar a questão da morte na cultura brasileira, Antônio das Mores e outras referências da cultura brasileira, que eu não esperava de um francês.

Aí, veio a crise. Lapassade se tornara inconveniente. Começou a fazer uma análise do Setor e cunhou o termo Contra Setor. Ele percebeu uma clivagem entre os primeiros pesquisadores do Setor e os atuais. Havia algo que mudara em 68 e, creio, não se tinham dado conta. Para Lapassade, ao invés da classe média bem-comportada que fora a equipe do Célio, havia um novo grupo,

onde radicais, homossexuais, negros, clérigos etc., emergiam como uma nova potência transformadora. Havia muito da viagem pessoal do Lapassade, ao assumir sua homossexualidade, a maconha etc. Isso tudo era demasiadamente constrangedor para o Célio que o mandou embora.

Não recrimino o Célio por isso, o Lapassade era genial e insuportável. Ele fez sua versão de todo este episódio em um livro publicado em Paris, intitulado “Le Chevaux de Diable”. No qual o diabo era ele e nós os cavalos, que pode significar que o recebíamos. Grande Ego!. Claro que me agrada ser um personagem deste livro publicado em Paris, onde todos os S. sou eu. Mas, acho que Lapassade estava equivocado, prefiro Guimarães: O Diabo na rua, no meio do Redemoinho. O diabo somos nós, pequenos átomos de uma transformação molecular.

Por fim, a última cena foi no famoso murinho da FAFICH, o Célio me dizendo que estava cansado de todos nós, que ia trabalhar com Linguística. Bravo! Mas, eu me senti deserdada, arrasada. Trilhamos caminhos distintos a partir deste momento. Mas, não esperava a frieza da comunicação: já não suporto vocês. Anos depois, quando novamente me aconteceu de meu mestre, Sérgio Arouca, nos abandonar para fazer política, pensei que eu buscava essa sina. Mas, não, o que eu buscava era a liberdade que meu pai me ensinou, me apoiando mesmo quando tínhamos ideologias opostas, como na ditadura. Enfim, não se pode buscar um pai em um mestre.

Me encontrei com o Célio Garcia quando a UFMG o homenageou como professor emérito. O Setor de Psicologia Social esteve lá, com fotos, memórias, afetos. Quando o Célio foi falar, para nossa surpresa, não se referiu a nós. Em sua cadeira de rodas, estava novamente muito à frente de tudo. Falou de seu trabalho com estudantes de engenharia, confrontando as soluções técnicas dadas pelos jovens estudantes com as gambiarras produzidas para os mesmo problemas pelos meninos das favelas. Genial, como sempre!

